

# O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, janeiro/maio de 2002 - Ano 12 - Nº 33 - R\$ 3,50

65 anos de um Clube  
*Raça, Força e União*

pág. 01

*Revisitando a História*

pág. 06

*Quem Foi Quem*  
Baltazar Santos Reis

pág. 07

*Conselho de  
Participação e  
Integração da  
Comunidade  
Afro-Brasileira  
em Araxá*

pág. 09

*Memória Fotográfica*  
Ofícios e Profissões

pág. 11



# A Comunidade Afro-Brasileira e o 13 de maio

Glaura Teixeira Nogueira Lima  
 Maria Trindade C. Resende Goulart  
 José Antônio de Ávila Oliveira

**CONSELHO EDITORIAL**

Magaly Cunha Porfírio  
 Glaura Teixeira Nogueira Lima  
 Maria Trindade C. Resende Goulart  
 José Antônio de Ávila Oliveira

**JORNALISTA RESPONSÁVEL**

Wallace de Resende Torres  
 Reg.: MG-06.343 JP

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**

Keyla Barbosa Machado

**REVISÃO**

Antônia Verçosa

**LAY-OUT E ARTE FINAL**

Imagem Propaganda

**CAPA****FOTO**

João Lima

**PRODUÇÃO FOTO**

Paulo de Logun-Edé

**MODELO**

Kátia Valéria Dias

**IMPRESSÃO**

Gráfica Santa Adélia

**ARAXÁ**

Renovação, Participação e Desenvolvimento  
 2001-2004

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ****PREFEITO**

Antônio Leonardo Lemos Oliveira

**FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO****PRESIDENTE**

Magaly Cunha Porfírio

Fernanda Alves Barcelos

**Depto. Escola de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" — DEM**

Maria Leonor Teixeira Lemos

Ruthneia Analina Pereira

**Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações — SAPP**

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Maria Trindade C. Resende Goulart

Maria Virginia Rios do Amaral Vde

Maria Abadia Faria Silva

Keila Barbosa Machado

**Setor de Patrimônio Cultural — SPC**

Regina Aparecida de Oliveira

Cecília Angélica Machado de Paiva

**Setor de Projetos Especiais — SPE**

Silvana Aparecida Alves Borges Batista

**Setor de Artesanato e Cursos Livres — SACL**

Terezinha Oliveira Lemos

**Setor de Eventos — SE**

Henrique Natal Vieira

Adolfo José do Nascimento

Leane Maria de Figueiredo Castro

**Setor Administrativo-Financeiro — SAF**

Elaine Aparecida Oliveira Farnesi de Araújo

Aparecida Marluvia de Melo e Costa

**Fundação Cultural Calmon Barreto**

Praça Arthur Bernardes, 10 — Araxá/MG — 38.183-218

Fones: (34) 3691-7091 — 3691-7092 — 3691-7093

Fax: (34) 3662-1262 — E-mail: fcb@terra.com.br

As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

**65 Anos de um Clube Raça, Força e União**

01

**Uma questão de Consciência... Negra**

06

**Revisitando a História**

06

**Quem foi Quem: Baltazar Santos Reis**

07

**Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro-brasileira**

09

**Memória Fotográfica Ofícios e Profissões**

11

**Historiando Hoje**

14

**Monólogo do Enforcado: Heitor Gentil Montandon**

15

**Papel Passado**

15

**PRIMEIRAS PALAVRAS**

No ano que passou **O Trem da História** foi editado apenas uma vez, excepcionalmente. Cedeu o espaço de sua segunda edição anual à publicação do livro de biografias **Lugar de Memória – I** que apresenta as histórias de vidas de muitos cidadãos que aqui viveram em um passado mais ou menos recente.

A **Fundação Cultural Calmon Barreto** volta a editar dois números de **O Trem da História** (maio e outubro), ainda sob o sistema de assinaturas (R\$ 7,00). O livro **Lugar de Memória**, no prelo, reaparece agora em sua versão número II.

Esta edição de **O Trem da História**, a primeira de 2002, tem como objetivo registrar o 13 de maio, pontuando aspectos da história da comunidade negra em Araxá. Para isso a revista dedica-se, de forma integral, aos negros e negras que lutaram e lutam em favor da cidadania e contra "formas de intolerância como racismo, discriminação e xenofobia".

Um dos nossos enfoques é o **Clube União de Araxá**. Compartilhamos sua história com nossos leitores depois de mergulharmos em arquivos, depoimentos e lembranças, referentes a um grupo de pessoas que um dia uniu-se em torno de ideais comuns para fundar o Clube, hoje com 65 anos.

Do seu grupo inicial fizeram parte trabalhadores negros que dinamizaram a nossa vida sócio-econômica nas primeiras décadas do século XX. Estes não trabalharam só pelo seu sustento e o de suas famílias. Reivindicaram também o direito à socialização e ao lazer. Dentre eles está Baltazar Santos Reis, o biografado da coluna **Quem Foi Quem**, e outros de diferentes ofícios e profissões, que são revelados na seção **Memória Fotográfica**.

A inserção do negro na atualidade é abordada através do retrato do **Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro-brasileira**, instituição local que congrega outras deste gênero. Desenvolvendo projetos de interesses educativo, social, artístico, político e cultural, enfrenta os desafios deste novo milênio com raça, força e união. O **Movimento Negro Sim** atua, igualmente, no sentido de ampliar esse debate e de promover — com o exercício da cidadania dos afro-descendentes — uma perspectiva de transformação social.

Reafirmando nosso propósito de *historiar* sobre temas diversificados, não deixamos de informar sobre o cotidiano da **Fundação Cultural Calmon Barreto**, inclusive o diálogo com nossos leitores - através de cartas - que contribuem para a construção da nossa memória.

**CARO LEITOR**

Muitas alternativas têm sido estudadas para mantermos **O Trem da História** em circulação. Tentamos driblar a escassez dos recursos financeiros adotando o sistema de assinatura. O resultado obtido não foi suficiente para sanar as dificuldades. Ainda assim estamos insistindo. Esperamos sensibilizar mais assinantes e patrocinadores interessados em investir na construção da memória coletiva. Se você quer ser assinante ou pretende tornar-se um "mecenas", incentivando a cultura da nossa cidade, comunique-se conosco.

# 65 ANOS DE UM CLUBE

## RAÇA, FORÇA E UNIÃO



Lugar que abrigou a sede do Clube União. Rua Mariano de Ávila, década de 70.

**P**esquisar sobre o Clube União de Araxá e compartilhar essa história com nossos leitores é uma oportunidade preciosa. Sua fundação por um grupo de pessoas unidas por ideais comuns e seu papel exercido até os dias de hoje, quando completa 65 anos, é um manancial inesgotável de referências históricas. Sua existência envolve a formação de clubes, as atividades sociais e esportivas, o carnaval, a música, a dança, a política e, principalmente, a luta de uma comunidade em favor da cidadania e contra o preconceito racial.

O Clube União foi criado juridicamente, em 1937, como uma associação civil que se chamava Bloco União. Nascido, portanto, de um bloco carnavalesco — característica que justifica uma tradição de várias décadas — seus objetivos estatutários já atingiam outras metas. Pretendiam proporcionar aos associados “concertos musicais, partidas familiares, bailes, sala de leitura e biblioteca”.

A história mostra que a experiência de clubes vem das cidades européias há mais de 5 séculos. Eram as corporações de ofício que reuniam os artesãos ou as confrarias de caráter religioso. Com o crescimento das cidades diversos clubes proliferaram reunindo associados com interesses específicos como música, es-

porte, ciência, etc.

Esse procedimento de reuniões estendeu-se a outros grupos como os maçons e as sociedades científicas que se espalharam pelo mundo. No século XIX, ainda na Europa, por exemplo, chegou a vez dos clubes formados com fins beneficentes ou aqueles como as “ligas femininas”. Esses deram origem às associações voluntárias integradas por pessoas de diferentes segmentos sociais, adotando regras de funcionamento.

Os historiadores que se especializam nesse tema encontram uma explicação histórica para a atual situação dos clubes em geral. Ainda que seus associados tenham interesses em comum, a vida urbana já não estimula a realização de reuniões e a frequência às mesmas.

O Clube União da atualidade, assim como tantos outros, tenta sobreviver às crises. Essas tentativas reforçam a dedicação de homens e mulheres para manterem vivas instituições tradicionais.

Até a década de 1930, Araxá viu frustrarem-se algumas iniciativas em prol da criação de clubes sociais. Isso não foi exclusividade dos araxaenses, pois normalmente os clubes e associações tinham vida efêmera.

A preferência pelas festas no universo doméstico era justificada não so-

mente pela dificuldade financeira dos clubes mas também porque ainda não havia sido formado o hábito de frequentar assiduamente esses ambientes.

As festas com suas músicas e danças, portanto, aconteciam mais informalmente no interior das residências. Algumas se davam nos salões fechados dos hotéis e outras, a partir de 1922, no Cine Trianon.

Enquanto as brincadeiras e desfiles de carnaval ganhavam espaço nas ruas, através dos blocos, não havia lugares apropriados para os bailes carnavalescos.

Foi nesse cenário que nasceram quase simultaneamente o Clube União e o Clube Brasil. Ambos, criados no final dos anos 30, seguiram caminhos paralelos. O Clube Brasil cedeu seu espaço à Casa do Poeta, mas ainda se mantém como instituição. Quanto ao Clube União, sua história recente aponta para algumas alterações na sua estrutura administrativa sem, contudo, deixá-lo morrer. Afinal, sua longa e rica trajetória não merece declinar.

Em abril de 1937, quando algumas pessoas se reuniram no antigo prédio do Cine Capitólio, da então rua do Comércio, esquina com a rua Mariano de Ávila, tinham como objetivo fundar um clube social de caráter recreativo. À frente da iniciativa esteve Joviniano Batista de Oliveira, o *Sr. Jovi*, que acompanharia todo o percurso dessa associação e que, ao final de sua vida, seria o seu presidente de honra.

O movimento inicial reuniu um bom número de participantes que escolheram, por aclamação, o nome de “Club União”, derivado do Bloco União. Vale registrar esses cidadãos, dentre os quais se elegeu a primeira diretoria do “club”: Joviniano Batista de Oliveira (presidente), João Antônio da Silva (vice), Orestes Nollí (1º secretário) e José Ferreira (tesoureiro). Outros não assumiram cargos mas constam do primeiro grupo de sócios-fundadores: Arcanjo Brígido Costa, Pedro Moura, Ernesto Martins Lisboa, Nicanor Batista de Souza, Benedito Teixeira, Benedito Alves Santos, Ephygênio Sant’Anna, Antenor Ribeiro da Silva, João

Luciano Vieira e Antônio Canuto.

Esse grupo cresceu consideravelmente e já na segunda reunião totalizava mais de 50 sócios. Nos primeiros tempos, tendo, ainda, como sede o prédio do Capitólio, o clube conquistou seu espaço na cidade como importante ponto de lazer. Mantinha contatos com clubes e rádios de Belo Horizonte e da nossa região, com os quais promovia muitos eventos de sucesso.

Algumas promoções na esfera comunitária contavam com a participação do clube. Em 1942, por exemplo, os associados integraram os festejos da Semana da Pátria em parceria com a "Associação Beneficente Operária".

No dia 15 de agosto realizava-se, tradicionalmente, o Baile da Chita. Prestigiado por todos os sócios era animado por músicos como Sr. Jovi, Zé Areia, Orico, Zé Miguel e Zé Marques. É interessante observar que esses músicos muitas vezes cumpriam seus compromissos em outros bailes, tanto na cidade como no Barreiro, para só depois encerrarem a noite no Clube União.

*"O Clube era pobre, na verdade, mas um clube muito decente, todo o pessoal gostava de dançar, até da alta sociedade descia para dançar aí, para aprender a dançar (...) porque os negros sabiam dançar mesmo, era uma turma boa que dançava com a gente. (...) o Benedito Carneiro além de dançar vinha tocar, dava uma mão, tinha uma orquestra no Barreiro."* (Terezinha, filha de Lauro Batista de Oliveira).

Uma prática comum entre os sócios foi a de promover excursões a Sacramento

e a outras cidades próximas como forma de lazer e de confraternização.

De 1937 até 1966, aproximadamente, o Clube União viveu o que poderíamos chamar de sua primeira fase. Depois de funcionar inicialmente no prédio do referido cinema, em seguida instalou-se à rua Mariano de Ávila, próximo à esquina da rua Dr. Franklin de Castro.

*(...) "Rua Mariano de Ávila, onde hoje é o Natal, sapataria do Natal. Era ali que era o Clube União. Era uma casa velha, de assoalho, mas deu bem para o povo aproveitar. Papai era rigoroso tanto para as moças, quanto para os moços. Moço não dançava sem estar de terno. As moças muito bem arrumadas. Era muito elegante. Paletó abotoado. Gravata. Tudo arrumadinho."* (Terezinha, filha de Lauro Batista de Oliveira).

Daí por diante ocupou vários lugares como o ATC (Araxá Tênis Clube) e outros no Bairro São Geraldo, na praça Dom Bosco, na Av. Getúlio Vargas e, novamente, em um ponto no alto da rua Mariano de Ávila. Só na década de 70, conquistaria sua sede própria, à rua Santa Rita.

### 1ª FASE

Na primeira fase, o Clube União concretizou seu propósito de promover a socialização entre os membros com festas semanais — aos domingos — em meio à música, dança, comidas e bebidas. As mulheres dos diretores e associados responsabilizavam-se pela administração do bar e limpeza de

todo o clube.

O carnaval foi o ponto de convergência dos associados. Acontecia não apenas nas diferentes sedes e sim em outras, eventuais, como no 'Parque de Exposições' ou na antiga sede da 'Mariano de Ávila', cedida durante algum tempo por Walter Natal.

Não somente eram concorridos os bailes mas também os pré-carnavais e os ensaios para os desfiles dos blocos. Desses nasceram, depois, a Escola de Samba Clube União e o célebre grupo dos "Irmãos Passistas". Indiscutivelmente, ambos contribuíram para associar o clube a uma das nossas maiores festas populares.

Durante décadas, dois presidentes e também fundadores do Clube alternaram-se na sua direção: Joviniato Batista de Oliveira e seu irmão, Lauro Batista de Oliveira. A personificação dos líderes junto à associação cristalizou-se de tal forma que nos dias 05/05 e 13/09, seus aniversários, respectivamente, aconteciam dois grandes bailes com "porta aberta".

A obediência aos estatutos sempre foi intensamente valorizada, ocorrendo inclusive a exclusão de sócios que os desrespeitavam.

As últimas atas disponíveis dessa primeira fase datam de novembro de 1966. Em reunião foram discutidos e aprovados novos estatutos que haviam sido elaborados desde 1964. Contudo, alguns documentos isolados indicam que aqueles foram registrados em 1967, no mesmo momento em que o clube foi reconhecido por lei municipal como sendo de utilidade pública.

Dos trechos mais importantes deste



Fachada da sede do Clube União. Rua Santa Rita. Década de 80

estatuto consta a nova denominação de "Clube União". Os demais se restringiam à organização administrativa do clube. Cabe notar que os cargos de diretoria e conselho só podiam ser exercidos pelos sócios-fundadores.

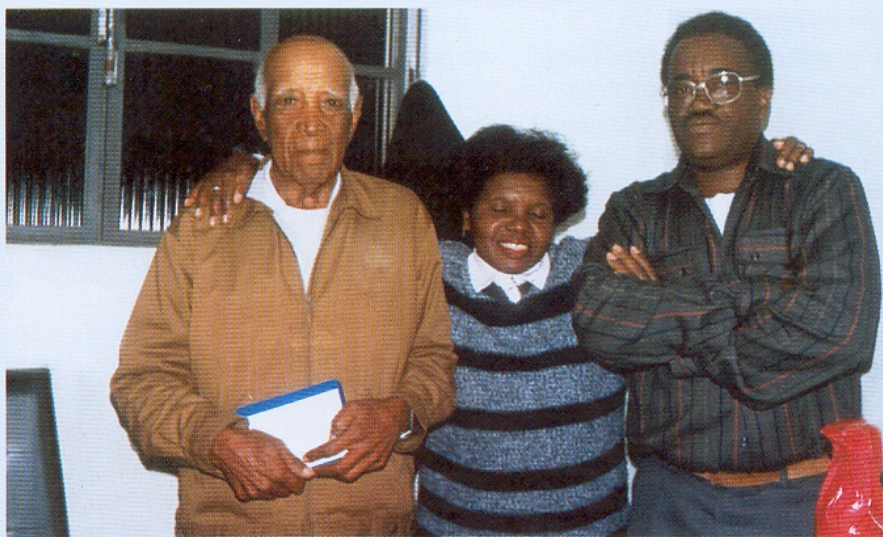
A pesquisa feita junto aos documentos escritos como as atas e as entrevistas indica que, a partir de então, o clube paralisou suas atividades.

Contudo, em 1971, nova tentativa de reorganizá-lo foi levada adiante pelo presidente, *Sr. Jovi* e pelo seu vice José Ribeiro — o Dijuba — apoiados pela Associação Comercial e Industrial de Araxá. Com o respaldo dos comerciantes, inclusive na aquisição de instrumentos, os associados partiram para uma apresentação do bloco de carnaval pelas ruas da cidade, seguido de bailes que aconteceram na sede que se instalara à rua Dom Bosco. A retomada foi possível graças ao suporte financeiro oferecido pela prefeitura.

### 2ª Fase

Reativando-se no final dos anos 70, o Clube União aprovou seu terceiro estatuto registrado em abril de 1977. Nesta segunda fase, o respaldo da administração municipal — através do prefeito Aracely de Paula — foi fundamental. Participavam das reuniões no Museu Dona Beja como convidados o prof. Fernando Augusto Borges de Castilho, assessor e técnico em educação assessorado por Luiz Di Mambro, ambos representando o poder público. Foi visível no período que se seguiu — ainda presidido pelo *Sr. Jovi* — a intenção de fazer do Clube um parceiro dos órgãos municipais no fomento ao turismo.

Nesse momento os problemas relacionados à existência de uma sede definitiva foram gradativamente resolvidos. Em 1976, a prefeitura havia adquirido, através do governo do Estado, uma casa à rua Santa Rita onde seria construída a sonhada sede.



"Sr. Jovi", um dos fundadores e dirigentes do Clube União, ao lado de Ibrantina Maria Cristino e Claudionor Roque. Década de 80.

Posteriormente, em 1977, durante a comemoração do aniversário do *Sr. Jovi* a municipalidade doou um terreno para ampliá-la.

Na noite do dia 08/07/1978 houve o corte da fita e a bênção das instalações. As cerimônias inaugurais presididas pelo prefeito Aracely e pela primeira-dama foram condizentes com o momento então vivido pelo clube. Mais de 40 anos depois de instituído, a construção do espaço próprio foi materializada.

A partir de então, a nova sede tornou-se uma referência não só para a comunidade negra mas para a classe política local. O clube passou a ser visitado e prestigiado por líderes representativos das esferas municipal, estadual e federal.

Nesta segunda e nova fase, o lazer e os eventos sociais revigoraram-se. Bailes como os do "Dia dos Pais", do "Natal", do "Reveillon", da "Rainha do Clube", da "Rainha da Primavera", da "Miss Clube União" e da "Rainha do Esporte" aconteciam com disputados concursos e adesão promocional de empresas araxaenses. Outros bailes, beneficentes ou não, alguns desses com caravanas vindas de cidades próximas, atraíam o público fiel



Ala das Baianas. Irmãos Passistas. À esquerda, Dona Olegária de Almeida Costa. 1977. (Acervo Família Miguel Martimiano da Costa)

ao clube.

A década de 80 teve início com novos estímulos à superação de problemas comuns a todos os clubes, advindos, dentre outros, do não pagamento freqüente de mensalidades. A situação financeira, porém, apresentava-se equilibrada. Pela primeira vez desde a inauguração da sede, o bar do clube contabilizava lucros.

Assim é que o ano de 1980 foi celebrado por registrar a abertura da praça de esportes, então batizada com o nome de um dos sócios-fundadores, Lauro Batista de Oliveira.

A existência da quadra oportunizou torneios esportivos unindo o clube aos seus congêneres como Clube Araxá, Girassol Clube de Campo e Elite Clube, de Uberaba.

Ao final de 1980 uma mulher — Ibrantina Maria Cristino — ocupa, pela primeira vez, um cargo na diretoria. Posteriormente, em 1983, Maria Lucas de Souza assume também de forma inédita, a Secretaria do Conselho Deliberativo.



Os Irmãos Passistas em apresentação na Av. Afonso Pena, em Belo Horizonte. 1977. (Acervo Família Miguel Martimiano da Costa.)



Apresentação de Dança Afro-brasileira. Comemoração dos 100 anos da Abolição. 1988

### 3ª FASE

Pode-se dizer que o Clube União ingressou em sua terceira fase a partir de abril de 1986. Geraldo Florentino Cristino, o *Modesto*, assumiu a presidência depois de anos em que o cargo esteve vinculado aos sócios-fundadores, em especial, ao Sr. Jovi. Este passou, então, a compor o quadro da diretoria como presidente de honra.

Com incentivo direcionado aos esportes como futebol, basquete, *handball* e vôlei, as promoções sociais e esportivas visavam à arrecadação de recursos financeiros. Discutia-se a implantação de novidades tais como mesa de *snooker* e bingo e pleiteavam-se a cobertura da quadra de esportes e a construção de uma piscina olímpica.

A adoção de uma série de mudanças administrativas tentava revitalizar o clube. O espaço físico passou a ser disponibilizado para aluguel aos não associados divulgando a inovação pela imprensa. Pela cidade circulou um "livro de ouro" com a finalidade de arrecadar fundos para a associação e consolidou-se o apoio institucional e financeiro da pre-



Desfile de Modas no Clube União. Comemoração dos 100 anos da Abolição. 1988

feitura.

Com o caixa mais uma vez restabelecido contratou-se uma contabilista e algumas reformas foram efetivadas no prédio, patrocinadas pela iniciativa privada. Um serviço médico foi colocado à disposição dos associados.

Tudo levava a crer que o Clube União preparava-se para aderir às comemorações do centenário da *Abolição dos Escravos*, em 1988. Neste momento completaram-se, ainda, 10 anos da sede própria do Clube União.

No carnaval daquele ano, o Clube União levou para as ruas um enredo reverenciando os negros e os índios que aqui viveram. O momento provocou inúmeras iniciativas estimulando a reflexão sobre a realidade da população negra. Questões relativas às condições de vida dos negros como moradia, salário, assistência médico-odontológica, educação e transporte vieram à tona.

Como parte das cerimônias do *13 de maio*, o Clube União inaugurou o *Conselho de Integração e Participação da Comunidade Afro-brasileira*, entidade que ainda hoje congrega as demais do gênero, existentes em Araxá. (Leia matéria específica, nesta edição, à pág. 09).

A comunidade negra uniu-se para promover palestras, manifestações culturais diversas, dentre essas, as africanas e o 1º Encontro Regional Afro-brasileiro de Araxá, além de uma missa à porta da

Igreja Matriz de São Domingos.

Os anos 90 alcançaram o Clube União com novas alterações administrativas, em meio a uma campanha popular. As autoridades municipais e os simpatizantes do clube aderiram à causa na tentativa de resolver os assuntos relacionados a mais uma crise financeira da associação.

Ainda assim, a diretoria liderada inicialmente por Ivanir Amâncio Ribeiro e depois por Adolfo José do Nascimento, que assumiu como titular, tentava exaustivamente resgatar o carnaval de rua e outros eventos. Realizou-se o 1º Encontro dos Pagodeiros cujos resultados foram considerados vitoriosos.

Em 1993 a então diretora social, Ibrantina Maria Cristino, assumiu a presidência. Primeira mulher a exercer também este cargo, lutou para manter abertas as portas da instituição.

O período seguinte intercalou as iniciativas da venda do prédio — como



Entrada da sede do Clube União. Rua Santa Rita. Década de 90.



"D. Leonilda", presença constante e querida no dia-a-dia do Clube. 1999.



Grupo "Louco por Você" apresentando-se no Clube União. 2000.

única alternativa para quitar as dívidas — com o esforço para que o Clube União marcasse presença na comunidade. Tentando participar do Carnaval como sempre o fizeram em tempos passados, promovendo bailes de forró e de pagode, ou reativando o bar do clube, associados e diretores não desanimaram

diante do desafio de impedir o fim do Clube União.

Reunindo forças, as diretorias seguintes enfrentaram obstáculos. A partir de 1996 o recadastramento de ex-sócios, ex-diretores e ex-conselheiros foi mais uma atitude para recuperar a credibilidade do Clube

União. Novas medidas foram tomadas em relação às mensalidades, ao uso das dependências e ao direito de votar e ser votado para os cargos da Diretoria e da Assembléia Geral.

Esta campanha, divulgada pela imprensa, pretendeu aproximar membros e ex-diretores, atualizando o quadro de associados e reorganizando a sua documentação.

Sem a possibilidade de adiar por mais tempo a decisão sobre os seus destinos, a Sociedade Civil Clube União reuniu-se extraordinariamente em 2001 para votar um novo estatuto. A situação evoluiu para novos acordos. Com dívidas oriundas de processos e causas judiciais, acumulados desde 1996, com a sede social penhorada, já submetida a dois leilões, a sua alienação foi a proposta aprovada unanimemente pelo Conselho Deliberativo.

A realidade atual revela ângulos de uma história que começou há 65 anos. Assim, como aconteceu no passado, a próxima meta é conseguir um terreno onde se possa construir outra sede para o clube. O sonho de jovens trabalhadores que um dia lutaram pelo direito à socialização e ao lazer deve ser adotado como símbolo dessa nova etapa. Deve-se mirar na atuação do grupo liderado inicialmente pelo Sr. Jovi, Sr. Lauro, Sr. Sebastião, Orestes Nolli, Pedro Moura, Alcides Bonifácio, Dijuba, Claudionor Roque depois por Modesto, dentre outros, com o respaldo dos prefeitos que disponibilizaram o apoio do poder público municipal. Todos eles deixaram mostras evidentes de que a instituição Clube União é um patrimônio histórico e cultural dos araxaenses.

## Veja quem esteve à frente do Clube União conforme os livros de atas existentes.

### 04.04.1937 – 04.04.1938

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira  
Vice-Presidente: João Antônio da Silva  
Primeiro Secretário: Orestes Nolli  
Segundo Secretário: Baltazar Santos Reis  
Tesoureiro: José Ferreira

### 17.04.1938– 04.04.1939

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira  
Vice-Presidente: João Antônio da Silva  
Primeiro Secretário: Baltazar Santos Reis  
Segundo Secretário: Pedro Moura  
Tesoureiro: José Ferreira  
Procurador: Antônio Canuto

### 04.04.1939 – 04.04.1940

Presidente: João Antônio da Silva  
Vice-Presidente: Patterson Manoel da Silva  
Primeiro Secretário: Lauro Batista de Oliveira  
Segundo Secretário: Alberto Villela  
Tesoureiro: José Ferreira

### 1940 - 1941

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira  
Vice-Presidente: Baltazar Santos Reis  
Primeiro Secretário: Alberto Villela  
Segundo Secretário: Jovino Cândido  
Tesoureiro: Lauro Batista de Oliveira  
Procurador: Pedro Moura

### 1955 - 1956

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira  
Vice-Presidente: Pedro Moura  
Secretário: José Ferreira  
Tesoureiro: Alcides Bonifácio

### 1958

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira  
Vice-Presidente: Pedro Moura  
Secretário: José Ferreira  
Tesoureiro: Claudionor Roque

### 1966

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira  
Vice-Presidente: Lauro Batista de Oliveira  
Primeiro Secretário: Sebastião Vital de Oliveira  
Segundo Secretário: José Ribeiro  
Primeiro Tesoureiro: Claudionor Roque

### 1977 – 1986

Presidente: Joviniano Batista de Oliveira

### 1986 – 1990

Presidente: Geraldo Florentino Cristino

### 1990 - 1991

Presidente: Ivanir Amâncio Ribeiro

### 1991 – 1993

Presidente: Adolfo José do Nascimento

### 1993 – 1994

Presidente: Antônio dos Reis Silva

### 1995 – 1996

Presidente: Carlos Roberto Santos

### 1996 – 2001

Presidente: Clayton Aires da Silva

### 2001– 2004

Presidente: Clayton Aires da Silva (reeleito)

### Fontes:

Arquivos do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações/FCCB.  
Arquivo do Clube União.  
Cartório do Registro de Títulos e Documentos do 2º Ofício da Comarca de Araxá.  
Acervo da família Sebastião Vital de Oliveira.  
Depoimentos diversos.

### Referência Bibliográfica:

Burke, Peter. A história social dos clubes. Folha de São Paulo, seção Autores Mais! São Paulo: 24. fev. 2002.

Lima, Glaucia Teixeira Nogueira. As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890 – 1926). Franca: Universidade Estadual Paulista (UNESP), dissertação de mestrado, 2001.

Lima, Glaucia Teixeira Nogueira. Das Águas Passadas à Terra do Sol: ensaio sobre a história de Araxá. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1999.

**Pesquisa:** Glaucia Teixeira Nogueira Lima, José Antônio de Ávila Oliveira e Maria Trindade Coutinho Resende Goulart.

**Texto:** Glaucia Teixeira Nogueira Lima

# UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA... NEGRA



1º Encontro da Cultura Afro-brasileira. Apresentação de Congado. 1985

Nos últimos tempos, o avanço da atuação dos movimentos negros reacendeu o debate sobre a celebração de datas significativas para a cultura afro-brasileira.

Antes, as ações limitavam-se ao 13 de maio, consagrado como o dia da Abolição da Escravidão. As conquistas alcançadas pelos grupos negros, articulados, apontaram a necessidade de discutir a questão racial como elemento presente no cotidiano do Brasil. Partiu-se, então, para realizar atividades com esse tema, em 20 de novembro, data da morte de Zumbi, o líder negro responsável pelo Quilombo dos Palmares.

A data, oficializada como o Dia Nacional da Consciência Negra, foi, depois, ampliada espontaneamente. Passou a ser vivida durante um mês inteiro, como forma de oportunizar discussões e reflexões sobre a postura de todos os brasileiros diante da condição das comunidades negras atuais.

Em Araxá, uma lei municipal instituiu, em 1995, o “Dia Municipal da Consciência Negra”, a ser comemorado em todo 20 de novembro. À frente dessas ações, o *Movimento Negro Sim* liderou, aqui, a reunião dos grupos Negro Sim e Deuses do Ébano. Promovendo atividades para integrar os cidadãos negros, o Negro Sim definiu como objetivos básicos discutir os seus direitos e deveres, valorizar a sua importância no contexto histórico e destacar a participação dos afro-descendentes na sociedade.

*“... A consciência está bem próxima de conceitos igualmente importantes como responsabilidade, crescimento interior, coragem, dignidade e até da nova expressão inteligência emocional. E para os afro-descendentes, por isso mesmo, neste mês, é preciso vir o primeiro estalo da consciência de ser gente, de ser brasileiro, de ser negro. Isto surge na infância, quando a criança negra (não sem sofrimento) começa a perceber que diferente não quer dizer obrigatoriamente inferior”. (Maria Irene Martins, ex-presidente do Movimento Negro Sim. O Clarim. 19/11/1999).*

Um dos projetos já executados nos últimos anos, com alcance expressivo, foi o RAP... Pensando a Educação. Realizado junto às escolas locais, promoveu concursos de rap, poesia e desenho, culminando com uma série de apresentações e manifestações

culturais como desfile afro, afoxé, shows musicais, mostra e comercialização de artesanato, alimentos e bebidas.

Outras iniciativas têm demonstrado que Araxá está integrada à luta dos afro-descendentes no exercício da cidadania. É possível contar com a Associação de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e sediar eventos importantes como o I Encontro da Comunidade Negra do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, ocorrido em 1999.

Atualmente, o Movimento Negro Sim empenha-se em levar adiante os seus projetos, sob a presidência de Divino Paulo da Silva.

Fonte: Arquivos do SAPP/FCCB.



Os representantes da Associação de Congado e Moçambique, de Cultos Afro-brasileiros e Movimento Negro Sim recebem homenagem da Câmara Municipal de Araxá. 2001. (Acervo Conselho Comunidade Afro)

## REVISITANDO A HISTÓRIA

Com a colaboração de nossos leitores Arthur Rosa, Cássio Santos e Elmo Cardoso conseguimos completar e rever algumas informações das pesquisas divulgadas pela revista *O Trem da História* em edições anteriores.

Edição n. 31, página 7 — *Trabalhadores de Araxá, uni-vos!*. Na fotografia dos membros da Associação Operária Araxaense, o sexto, da esquerda para a direita, sentado, chamava-se Francisco Rodrigues dos Santos, ferreiro que trabalhou na concessionária Chevrolet —

*E. Rosa & Cia.* — nas décadas de 1930/40.

Edição n. 31, página 15 — *Resenha Esportiva*. No 5º parágrafo, o nome do jogador “Ci” que compôs o primeiro time do Najá Futebol Clube era “Orcílio Gatte”.

Edição n. 32, página 4 — *Esperando o Trem*. Conforme depoimento do Sr. Arthur Rosa, presente na inauguração da Estação Ferroviária Oeste de Minas, a locomotiva que aqui chegou pela 1ª vez era a de número “53”.

Edição n. 32, página 6 — *Colégio Dom Bosco*.

Segundo depoimento do Dr. Cássio Santos, quem esteve na direção do colégio no período de 1945 a 1947 foi o “Padre Bartolomeu Polli”, apelidado de *Gamelão*. Este diretor era muito rigoroso e chegou ao ponto de proibir os rapazes de colocarem as mãos no bolso e de usarem uniformes de futebol muito curtos.

Edição n. 32, página 10 — *Colégio Dom Bosco*. A partir da observação atenta do araxaense Elmo Cardoso, nosso leitor, corrigimos a data de falecimento de Dom José Gaspar. O correto é 27 de agosto de 1943 e não de 1942, conforme foi publicado.



Da direita para esquerda: o menino Baltazar com a cesta de balas para serem vendidas, um hóspede do "Araxá Hotel", "Sr. Vigarinho", avô de Baltazar e seu primo Nilo Fenelon.

**M**arceneiro, carpinteiro, comerciante e político foram alguns dos papéis cumpridos por Baltazar, cidadão araxaense que também se popularizou na comunidade por sua atuação nos clubes sociais e de serviços, nas irmandades católicas e nas instituições assistenciais.

Filho de Gentil dos Santos e Teodora Vicente da Silva, foi criado pelos avós paternos Jesuíno Alves Ferreira, o "Sr. Vigarinho", e Francisca Santos Ferreira, a "D. Chiquinha". Seus avós eram proprietários do antigo Araxá Hotel, no mesmo lugar onde mais tarde se construiu e, por décadas, funcionou o Hotel Pinto.

Sua avó compõe um dos ramos do imenso tronco da família Santos. Neste ambiente familiar, ingressou no mundo do comércio quando, ainda menino, vendia as balas de café feitas por sua tia Abriлина dos Santos.

Nascido no dia de Santos Reis – 6 de janeiro – ao longo de sua vida solidificou a tradição católica herdada e visível no seu próprio nome. O ano do seu nascimento é o mesmo da inauguração do Grupo Escolar Delfim Moreira,

onde cursou o primário e foi aluno brilhante.

### Maturidade Consciente

Depois da experiência em lidar com a madeira na execução de móveis, tornou-se proprietário dos "Móveis Paraíso", respeitada casa comercial. Como provedor da Igreja de São Sebastião, dinamizou as ações religiosas – especialmente a tradicional festa de São Sebastião – realizando uma das maiores reformas pelas quais passou o edifício da Igreja. Paralelamente contribuiu para os trabalhos desenvolvidos em outras igrejas da cidade, para a construção da Igreja de Nossa Senhora d'Abadia, na antiga Água Suja, bem como, pa-



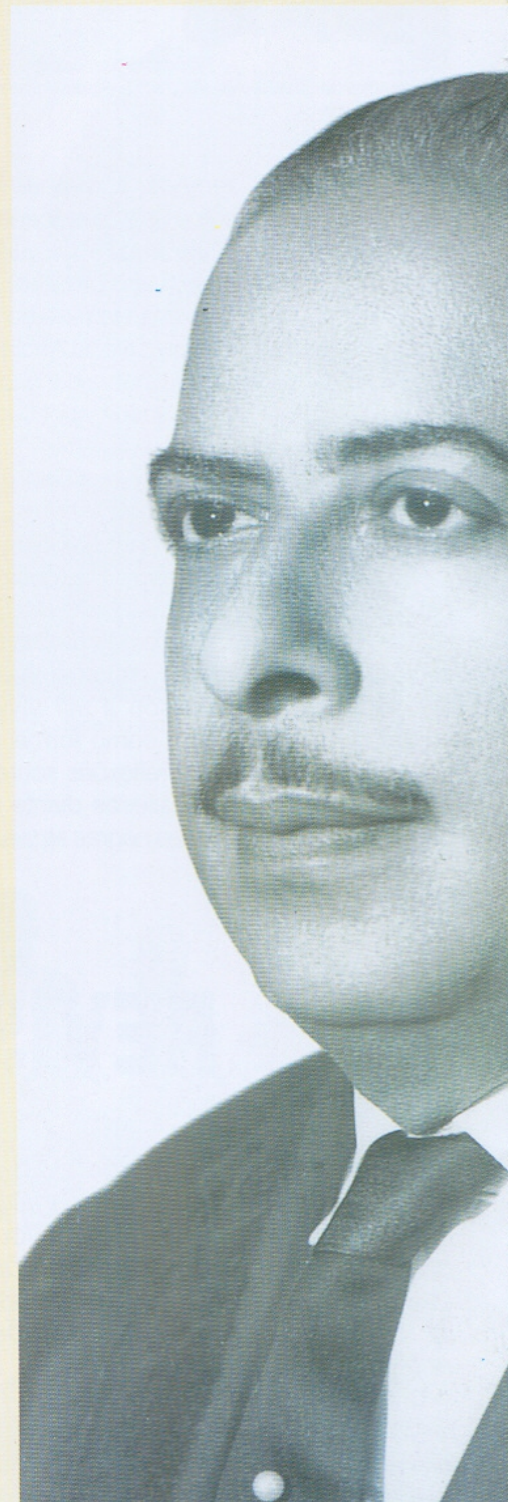
Baltazar Santos Reis ao lado de Dino Baroni em cerimônia solene do Rotary Club. Lemos foto, 1972.

# QUEM FOI

## BALTAZAR S

(1911-

### UM CONCEITO



Baltazar S

# DI QUEM

## ANTOS REIS

(1978)

## DE CIDADANIA



ntos Reis

ra o Orfanato Santa Terezinha e o Asilo São Vicente.

Foi juiz de paz e vereador. Durante o seu mandato no Legislativo (1971–1974) esteve à frente, em especial, de projetos relacionados à urbanização e ao abastecimento de água.

Além das profícuas gestões exercidas na presidência do Rotary Club, nas diretorias do Clube Brasil e Clube União, estendeu suas atividades à criação do Clube da Sede Operária de Araxá.

A intensidade com que agiu na vida comunitária foi proporcional à dedicação prestada à mulher Maria Carolina, a culinária “Maria do Baltazar” – renomada doceira e quitandeira – à filha Maria de Fátima, ao genro Jorge e aos netos Baltazar e Jonathan.



Maria Carolina Reis, a “Maria do Baltazar”, sua esposa e tradicional doceira. Fotografia de Octávio Fonseca, 1938.

**Fontes:**

Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.  
Acervo do Clube União  
Acervo da família Baltazar Santos Reis

**Depoimento:** Maria de Fátima Santos Pereira

**Pesquisa:** Glaura Teixeira Nogueira Lima e Maria Trindade Coutinho Resende Goulart.

**Texto:** Glaura Teixeira Nogueira Lima.



O vereador Baltazar Santos Reis, ao lado do prefeito Aracely de Paula, integrando a comitiva que recebeu o governador Aureliano Chaves em Araxá. Década de 70.

# CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE AFRO-BRASILEIRA



Posse dos representantes de Araxá no Conselho da Comunidade Negra do Estado. À esquerda, o presidente Adolfo José do Nascimento, ao centro, Ângelo Oswaldo, Secretário de Estado da Cultura e Clayton Aires da Silva, presidente do Clube União de Araxá. 2001.

O Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro-brasileira foi criado em 06 de abril de 1988, ano das comemorações dos cem anos da Abolição da Escravatura no Brasil. Foi iniciativa de entidades de Araxá ligadas à divulgação e preservação da cultura afro-brasileira.

Suas atividades junto à Comunidade Negra têm objetivado o desenvolvimento de projetos de interesse educativo, social, artístico e cultural. Dentre estes trabalhos podemos destacar: os concursos de beleza negra (Mister Negro, Rainha Afro e Negro Lindo); o Primeiro Encontro de Pagodeiros de Araxá; a Primeira Festa da Cultura Afro de Araxá - promovida com sucesso pela Fundação Cultural Calmon Barreto - que abriu espaço para as mais diversas manifestações culturais como apresentações de congado, dança afro, capoeira e exposições de fotografias e documentos históricos.

Através do Conselho, realizou-se em Araxá, o Primeiro Encontro de Lideranças



Festa da Cultura Afro-brasileira. Clube União. 2001.



Adolfo José do Nascimento, presidente do Conselho de Participação e Integração da Comunidade Negra com a Senadora Benedita da Silva. Araxá, 1999.

Negras do Estado de Minas Gerais, ocasião em que foi eleita a diretoria do Conselho da Comunidade Negra Estadual que tem como representante da cidade de Araxá o Sr. Adolfo José do Nascimento.

O próximo desafio é a criação do Centro de Formação Profissional e de Pesquisa da Raça Negra. Ele objetivará a qualificação profissional da comunidade, sua melhor inserção no mercado de trabalho e o desenvolvimento de sua consciência crítica, através da realização de estudos e pesquisas relacionados à cultura afro.

Entre os cursos que já foram realizados em parceria com a SETASCAD (Secretaria Estadual do Trabalho, Assistência Social, da Criança e do Adolescente), FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), Prefeitura Municipal, Fundação Cultural Calmon Barreto e Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Congresso



Conselho de Participação e Integração da Comunidade Negra de Araxá presente no Encontro Regional de Congado e Moçambique, 2001.

Nacional Afro-brasileiro e CGTB (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil) estão: Culinária afro, Manicure, Pedicure, Cabeleireiro, Qualidade no atendimento ao público, Oficina de arte e cultura, Arranjos ornamentais, Artesanato e Bijuteria, Corte e Costura, Qualidade no atendimento ao turista, Condutor de atrativos naturais, Operador de ecoturismo e Organização de eventos.

As entidades que compõem o Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro-brasileira são:



O prefeito Antônio Leonardo Lemos Oliveira, recebendo placa de honra ao mérito pelo apoio à comunidade negra, durante a festa da cultura Afro-brasileira realizada pela FCCB em parceria com o MinC e Fundação Palmares, 16/05/2001

**\*Associação Carnavalesca de Araxá**

Presidente: Adolfo José do Nascimento

**\*Associação Araxaense Esotérica de Cultos Afro-brasileiros**

Presidente: Paulo Roberto dos Santos

**\*Associação dos Pagodeiros de Araxá**

Presidente: Giovane do Carmo

**\*Associação Cultural João Amâncio**

Presidente: Wanderley dos Santos Amâncio

**\*Associação Araxaense de Capoeira**

Presidente: Márcio Honório da Silva

**\*Associação de Congado e Moçambique**



Alunos do curso de operadores de ecoturismo, promovido pela CGTB e Conselho da Comunidade Negra de Araxá. Escola Dona Gabriela, 2002.

**de Araxá**

Presidente: Marcelo Júlio Teixeira

**\*Grupo de Dança Deuses do Ébano**

Presidente: Regina Chauã

**\*Grêmio Recreativo Escola de São Pedro**

Presidente: João Batista dos Santos

**\*Escola de Samba Cinderela**

Presidente: Clomar Antônio Basílio

**\*Escola de Samba Clube União**

Presidente: Clayton Aires da Silva

**\*Escola de Samba do Santo Antônio**

Presidente: Hélio Pereira da Silva

**\*Escola de Samba Unidos do Morro**

Presidente: Edy Fausto da Silva

*Fonte:* Arquivos do Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro-brasileira.

*Pesquisa e Texto:* José Antônio de Ávila Oliveira.



Entrega dos diplomas dos cursos promovidos pela CGTB, CNAB e Conselho da Comunidade Negra de Araxá, 2002.



O ano de 2002 foi marcado pelo resgate do carnaval de rua em Araxá, 2002.

# MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

## Ofícios e profissões

Aqui se vive a luta do negro em defesa da cidadania plena através do Conselho de Participação e Integração da Comunidade Afro-brasileira de Araxá. Esta entidade reúne diferentes grupos que se dedicam às causas de organizar, mobilizar e conscientizar a comunidade negra, preservando os seus mais relevantes aspectos políticos, sócio-econômicos e culturais.

O combate ao racismo, à discriminação, à xenofobia e às outras formas de intolerância é a bandeira empunhada pelos movimentos negros atuais.

O célebre Quilombo do Ambrósio é a referência exemplar, no passado, da resistência negra na região de Araxá. Reprimido em 1746, século XVIII, durante mais de 20 anos reuniu um significativo número de componentes que variou entre 600 e 1000 pessoas.

No século XIX, a escravidão foi um dos pilares da economia local, de bases essencialmente rurais. O trabalho escravo contribuiu para gerar riquezas materiais e outras, advindas das relações sócio-culturais da época. A diversidade do tipo de vida introduzido pelos negros foi expressa especificamente na religião, na música, na dança e na culinária.

No século XX, o modo de vida da cidade transformou-se, progressivamente, com a chegada de moradores vindos das fazendas, inclusive ex-escravos. O espaço urbano representou a possível prosperidade e exigiu novos serviços, condições de moradia e de saúde mais adequadas e novas maneiras de garantir a sobrevivência da população.

Os negros viram-se obrigados a ingressar numa sociedade conservadora, formada ao longo de mais de três séculos de escravidão.

Ocupar os espaços no mercado de trabalho foi e continua sendo uma tarefa árdua. Alguns araxaenses desenvolveram habilidades e dons para garantirem o seu sustento e o de suas famílias. Outros, nascidos em lugares diferentes, aqui chegaram para ampliar a mão-de-obra urbana. Exercendo ofícios e profissões exigidos pela cidade, praticando e desenvolvendo talentos, muitos negros cumpriram seu papel social com dignidade e competência. Leia a seguir:

### Sebastião Luiz Alves (1901 – 1988)

Ele passou vários anos de sua vida como um estimado garçom do Bar do João Pema. Naquele ambiente garantiu o seu dia-a-dia e usufruiu a convivência dos freqüentadores do bar e dos seus proprietários. Populamente ficou conhecido por Busquê, apelido adotado pelos clientes e amigos do bar. Durante algum tempo trabalhou como cambista, vendendo loterias. Lutando contra os desafios que a vida lhe impunha, conquistou uma condição necessária para não se omitir diante dos problemas humanitários. Como cidadão reabilitado pelo Cereia e como vicentino, pôde praticar seu papel social com dignidade. Filho de João Toledo e Maria Tereza de Jesus casou-se duas vezes: a primeira com Maria Alves Ferreira e a segunda com Maria de Lourdes do Nascimento. Não teve filhos mas criou Ana Maria e Adolfo José.

### Firmo Ladislau dos Santos — *Maestro Firmo* — (1885 – 1944)

Populamente conhecido como o Maestro Firmo, hoje é nome de uma rua do Bairro São Pedro. Notabilizou-se por fundar a Banda Santa Cecília ao lado do Maestro Elias Porfírio de Azevedo. Nascido em Oliveira, aqui viveu a maior parte de sua vida. Marceneiro e carpinteiro por profissão, transmitiu esses ofícios aos descendentes bem como sua grande paixão, a música. Legou seu lugar na Banda ao filho Geraldo Magela, o Lalado. Filho único de Antônio Ladislau dos Santos e Francisca Rosa de Jesus, foi casado com Maria Magdalena de Jesus. Teve 10 filhos: Oscarina, Ana, Albertina, Maria Aparecida, Maria de Lourdes, Orlando, Alberto, Levi, Orestes e Geraldo.

### João Amâncio (1914 - 1989)

Assim como muitos dos primeiros moradores de Araxá, ele veio do Desemboque. Trabalhou como feitor na Rede Ferroviária, foi carroceiro e lavrador. No bairro Santa Rita, onde viveu a maior parte de sua vida, foi Capitão de um grupo de Folia de Reis por ele fundado. Deixou o catolicismo para tomar-se espiritualista. Primeiro criou o Centro Espírita Luz e Consolação e depois instalou um espaço destinado à assistência aos doentes mentais. Ambos se mantêm fortes com a colaboração da comunidade e da família do seu criador. Do primeiro casamento com Maria Benedita Amâncio nasceram 8 filhos: Célia, Oswaldo, Terezinha, Regina, Jesus, Ivone, Adão e Ângela. Viúvo, casou-se novamente com Sebastiana Amâncio e teve Ana Paula, André e Adriana.

**Miguel Martimiano da Costa**  
— *Miguel Sapateiro* —  
(1918 – 1975)



Sapateiro por profissão, sambista e carnavalesco por coração. *Seu Miguel Sapateiro*, araxaense, filho de Maximiano Pedro da Costa e Maria Cândida de Jesus, conquistou o dia-a-dia com competência. Durante toda a sua vida produtiva foi proprietário da Sapataria Central, localizada no centro da cidade, primeiro à rua Mariano de Ávila e, depois, à praça Elias Leime. Legou sua oficina ao filho Waldir e, hoje, mesmo encerradas as atividades da sapataria, sua família conserva cuidadosamente as máquinas e os instrumentos de trabalho que lhes garantiram o sustento e que se constituíram na própria representação do pai.

A Escola de Samba Irmãos Passistas é um belo capítulo na história da família Costa. Nasceu no interior do Clube União como um Bloco de Carnaval, evoluindo depois para a condição de escola.

Formou-se graças ao idealismo e à extrema dedicação dos seus membros: Miguel Martimiano da Costa (o pai), Olegária de Almeida Costa (a mãe), Sebastiana Ferreira (a sogra do *Seu Miguel*), Walter, Waldir, Waldomiro, Wanderval, Wanderlei, Wanda, Vani, Wandalci, Valci, Vanilda, Jaqueline, Sidney, Túlio, Maria Aparecida, Márcio (os filhos, sendo, os 5 últimos, adotivos) e Sandra, Solange e Simone (as netas).

O grupo familiar firmou a base da escola e abriu espaço para o ingresso de outras pessoas. Inovou ao introduzir a ala das baianas que contava com a participação fundamental de D. Olegária como artista, estilista, costureira e bordadeira. Com muito brilho, as cores da escola — dourado, prateado e branco — iluminaram o carnaval de Araxá como mostram as fotografias, medalhas, placas e os troféus recebidos. Os “Irmãos Passistas” fizeram inúmeras apresentações com motivos de carnaval e de outras manifestações folclóricas, inclusive fora de Araxá. *Seu Miguel Sapateiro* hoje dá nome à rua Miguel Martimiano da Costa, no Bairro Alvorada. Sua mulher, a carnavalesca D. Olegária, identifica a rua Olegária Almeida da Costa, no Bairro Ana Pinto de Almeida.

**Joviniano Batista de Oliveira**  
— *Seu Jovi* —  
(1907 – 1999)

Araxaense, nascido à rua Santa Rita, filho de Tibúrcio Batista de Oliveira e Brasilina Maria da Conceição, foi pedreiro e pintor. Nesses ofícios trabalhou em inúmeras construções que reformularam a paisagem urbana de Araxá nas primeiras décadas do século XX. Depois conciliou a profissão com a atividade de músico. Fez parte do grupo que fundou a Corporação Musical Lyra Araxaense liderado por Cláudio José de Faria. Como membro da Banda do Cláudio viveu grandes momentos da história da cidade e dos seus cidadãos. Esteve à frente da fundação do Clube União em 1937. Foi seu presidente e compôs a diretoria durante décadas. Nos últimos anos de sua vida foi agraciado com a função de presidente de honra do clube. Foi casado com Divina Alves de Oliveira com quem teve cinco filhos: Rosita, Rosa, Rosalvo, Ana Maria e Ana Lúcia.



**José Bento Coelho de Oliveira**

O Instituto Delfim Moreira, colégio fundado em Bambuí em 1914 pelo professor José Bento, logo em seguida transferiu-se para Araxá e instalou-se na antiga rua Boa Vista. Posteriormente rebatizado como Instituto Brasil destinou-se a alunos internos e externos para ambos os sexos. Oferecia cursos referentes aos atuais: pré-escola, ensinos fundamental e médio (escola normal) com relevância para os conteúdos de arte-cultura. José Bento foi seu diretor-proprietário e um mestre por excelência. Sua mulher, irmãs e o professor de música, Porfírio Maciel, compunham o corpo docente da escola. Contudo o educador e seus familiares, negros, não católicos — professavam a teosofia — foram vítimas de preconceitos racial e religioso. Assim, na década de 20, viram-se obrigados a mudar para um centro maior, Niterói, onde edificaram um grande projeto educacional. As lições do mestre foram assimiladas pelos alunos que por ele passaram. Dentre esses, o menino Calmon Barreto que na idade adulta definiu o papel do professor na sua formação: “... aprendi com o Dr. José Bento que a bondade, a dignidade e a competência não exigem exclusividade pela cor da pele”.



O Instituto Delfim Moreira, também chamado Instituto Brasil, foi um colégio fundado pelo professor José Bento, à antiga rua Boa Vista.



O Matadouro Público Municipal, inaugurado em 1917, foi o local de trabalho de Antônio Bertoldo. (Arquivo SAPP/FCCB)

## Antônio Bertoldo de Ávila (1905 – 1980)

Nascido em São Pedro de Alcântara, então um distrito de Araxá, foi lavrador e funcionário do Armazém de Ezequiel Pinto da Silva, o "Zico Pinto". Deixou o armazém para trabalhar no Matadouro Público onde permaneceu durante 45 anos. Exerceu funções no abate e na distribuição de carnes. Como motorista que conduzia o produto até os açougues e armazéns conquistou grande popularidade. Além desse trabalho atuou como leiloeiro, emprestando sua voz e seu talento às quermesses comemorativas ao dia de São Sebastião, realizadas no largo daquela igreja. Era católico praticante e assíduo integrante da romaria ao Santuário de Água Suja. Apreciava profundamente as pescarias que realizava ao lado dos amigos, ao som de uma boa música. Casado com Cassiana Moreira, teve dois filhos, José Bertoldo e Luzia e adotou um terceiro, José Domingos.

## José Jacinto — José Bagaceiro — (1924 - 1998)

Lavrador, nascido em Serra do Salitre, chegou a Araxá na juventude para trabalhar na zona rural, fazendo cercas e abatendo pastos. Viveu e morou nas proximidades da Igreja Santa Rita. Filho de Rosa Marcelina e José Jacinto Crispim, do pai herdou o dom da benzedura. Praticando a religião católica ingressou no grupo de Folia de Reis e tornou-se um autêntico folião. Aos descendentes transmitiu o ensinamento cristão e o vínculo com a folia. Foi casado com Divina de Jesus e teve 14 filhos: Paulo, Gentil, Moacir, João dos Reis, José Maria, Roberto, Joana d'Arc, Maria, Creuza, Neuza, Terezinha (falecida), Terezinha, Donizete e Márcio.



## Sebastião Gomes

Nas primeiras décadas do século passado, aqui viveu um jornalista talentoso e atuante na comunidade, em especial, na imprensa. De origem negra, em 1921 ele editou o jornal Araxá Esporte, mas foi através do Minas Brasil, publicado na década de 20, que se consagrou na área jornalística. No seu jornal semanal podiam ser lidas notícias sobre o cotidiano da cidade, especialmente sobre as questões políticas e a intensa disputa pelo poder. Em 1928 colaborou na publicação do Álbum de Araxá, um almanaque que circulou trazendo informações sobre a vida local. Sua atuação atingiu a liderança da classe trabalhadora ao participar da Associação Operária Araxaense, criada em 1925. Ele não somente angariou simpatizantes como compôs a diretoria do primeiro grupo que reuniu trabalhadores de diversos ofícios.



## Ataide Xavier Rodrigues — Lobo — (1947 – 1980)

O araxaense Ataide era filho de Maria Cândida da Conceição e José Vigilato Rodrigues. Foi criado por uma tia, Dona Patrocínia, que trabalhava e morava na residência de Geraldo Paiva. Assim foi praticamente educado nesse ambiente familiar. Estudou no Grupo Escolar Delfim Moreira onde ganhou o apelido *Lobo*. Teve inserção na sociedade e aprendeu, sozinho, a tocar violão, ensinando sua arte a muitos alunos. Dono de uma voz privilegiada, ocupou seu espaço entre os artistas de Araxá, apresentando-se em bailes e serenatas. Adulto, passou a integrar o *Conjunto do Parreira*. Como desportista jogou futebol em várias agremiações e fundou, dirigiu e treinou, durante muito tempo, o time infantil do *Nacional Sport Clube*. *Lobo* morreu prematuramente e, hoje, ainda é lembrado pelos amigos e por quem dele recebeu lições de música e de futebol.



"Lobo" e Tarcísio Cardoso cantando no Bar do Bené. 1970. (Acervo Tarcísio Cardoso).

**Pesquisa.** Glaura Teixeira Nogueira Lima e Maria Trindade Coutinho Resende Goulart.

**Agradecimentos:** Tarcísio Cardoso.

**Texto:** Glaura Teixeira Nogueira Lima.

### Fontes

Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.

Cartório de Registro Civil de Araxá.

**Depoimentos:** Adolfo José do Nascimento, Ambrosina Guimarães, Ana Maria do Nascimento, Ângela Maria Amâncio, Geraldo Magela, Jair José do Nascimento, Luzia Bertoldo de Ávila, Maria Auxiliadora Pereira de Rezende, Tarcísio Cardoso e Maurício Paiva.

### Referência Bibliográfica

O TREM DA HISTÓRIA. N. 9, Abr./Jun/1993.

ÁLBUM DO ARAXÁ. Org. Horácio Carvalho. São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928, 98 p.

BARRETO, Calmon. Anotações Autobiográficas (1909 – 1994).

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO. Lugar de Memória. Araxá, 2001, vol. 1.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. Das Águas Passadas à Terra do Sol: ensaio sobre a história de Araxá. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1. ed., 1999.

# HISTORIANDO HOJE

## Homenagem às Mulheres

No dia 8 de março aconteceu no Cine-Teatro Brasil a entrega da *Medalha Leonilda Montandon*. Concedida pela Câmara Municipal de Araxá, é uma homenagem às mulheres araxaenses que se destacaram na comunidade nas áreas profissional, social ou filantrópica. Para enriquecer a cerimônia houve a apresentação da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. O evento contou com a parceria da CBMM (Circuito CBMM de Cultura), da FAMA (Fundação de Assistência à Mulher Araxaense) e da Fundação Cultural Calmon Barreto.

## Arte & Devoção



Foi inaugurada no dia 21 de março no Centro de Cultura a exposição *"Arte & Devoção"*. A mostra foi aberta com apresentações de *"Música & Tradição"*. Participaram os corais da Igreja Matriz de São Domingos, da Casa do Caminho, o *"Madrigal Sol de Araxá"* da Escola de Música Maestro Elias Porfírio de Azevedo e também os artistas Maria Lúcia Ramalho e Thiago Lucas Garcia Prado. A exposição contou com aproximadamente 100 peças de arte sacra, uma parceria da Fundação Cultural Calmon Barreto com as Secretarias Municipais de Educação e a de Turismo e Desenvolvimento Econômico.

## O Dia das Mães

O Dia das Mães foi comemorado pela Prefeitura Municipal, através da Fundação Cultural Calmon Barreto, em sua segunda versão. Com uma cerimônia realizada no Cine-Teatro Brasil os bairros e o centro da cidade estiveram representados pelas mães indicadas por suas comunidades. As homenageadas receberam presentes e foram brindadas com números artísticos especiais.

## Teclas da Vida

A Fundação Cultural Calmon Barreto promoveu o lançamento do CD da pianista Lygia Cardoso Maneira, ex-presidente desta entidade. O evento aconteceu no dia 27 de março no anfiteatro do SESI-SENAI. A artista, acompanhada das filhas Lara, ao piano, Sílvia, na flauta e do sobrinho Marco Túlio, na percussão, apresentou 7 composições dentre as 16 gravadas.

## Resgate Cultural

As tecelãs do Setor de Artesanato da Fundação estão colocando em prática, como relevantes para o artesanato da região, as técnicas identificadas pelo projeto Resgate Cultural.

O projeto é uma parceria do SEBRAE e da ACIA com o Poder Público Municipal. Os resultados já revelam aspectos da preservação dos nossos costumes e da valorização do artesanato.

## Patrimônio Cultural

A Fundação Cultural Calmon Barreto através do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações enviou ao IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) a documentação exigida para efeito de pontuação do ICMS, referente ao critério patrimônio cultural. No ano de 2001 Araxá ficou em 6º lugar entre os 338 municípios do Estado. Este resultado é fruto do investimento da Prefeitura Municipal de Araxá na preservação da nossa memória histórica.

## Diversão Cultural

O programa Diversão Cultural está sendo realizado pelo segundo ano consecutivo. Trata-se de uma parceria entre a Fundação Cultural Calmon Barreto e a Secretaria Municipal de Educação, promovendo visitas monitoradas de alunos das escolas municipais aos nossos museus. Redações sobre os locais visitados, serão premiadas através de concursos.

## Semana Santa

Araxá viveu uma páscoa especial. A Prefeitura Municipal, através da Fundação Cultural Calmon Barreto, das Secretarias Municipais de Educação e de Turismo e Desenvolvimento Econômico, realizou um projeto especial durante a Semana Santa. Constaram da programação a *Vila dos Coelhinhos* — cenário para brincadeiras infantis com atrações musicais — a exposição *Arte & Devoção, Música & Tradição*, por fim, uma encenação da Paixão de Cristo com o grupo teatral *O Irmão Menor*, dirigido por Josceleno Donizetti.

## Dona Beja



Foram colocadas à venda no Museu Histórico de Araxá — Dona Beja as primeiras "Bonecas Dona Beja — Araxá" que valorizarão o mito Dona Beja. Elas foram criadas pela FCCB e se apresentam com modelos de época.

## Pintura e Cerâmica

Em breve será inaugurada (21/05), no Centro de Cultura, uma exposição reunindo os trabalhos do artista plástico - professor Fernando Barreto (pintura) e da pintora - ceramista, professora Sílvia Serra Barreto.

## Escola de Música

Em 2002 a Escola de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" completa 10 anos de trabalho. Para comemorar, a direção programou uma série de eventos para este ano. Especialmente no dia 27 de abril — data da aprovação legal da escola — aconteceu o Encontro de Pianistas de Araxá, no Teatro Sesi-Minas.

As histórias que envolvem a *Árvore dos Enforcados* — símbolo da comunidade negra — e o seu significado para a população de Araxá estão definitivamente integradas à nossa cultura.

# MONÓLOGO DO ENFORCADO

## Heitor Gentil Montandon

**S**omos enforcados. Em Coromandel, num acesso de fúria, matamos a facadas nosso dono. Não queríamos isso. A princípio, pensamos apenas em defender-nos e assustá-lo, para que ele não nos matasse a porretadas. Mas, quando o senhor viu nossa reação, ficou indignado e disse que nos mataria a pancadas, como se mata cachorro danado.

Depois, trouxeram-nos para Araxá, amarrados e vigiados todo o tempo. Ba-tiam-nos sempre, xingavam-nos de todo no-meu ruim que conheciam e diziam que muitas vezes iríamos nos arrepender de ter nascido. Brancos sonsos, como se nós tivéssemos escolhido semelhante modo de vida....

Houve o júri. Dizem que era estréia. Todo mundo foi assistir. O Promotor falou muito, o Advogado de Defesa quase nada. Não adiantava. Todos sabiam qual seria o resultado. Menos nós, que ainda tínhamos alguma esperança.

Quando o Juiz leu a sentença, eu senti um fogo subir da boca do meu estômago, as pernas ficaram bambas e tive vontade de chorar, mas as lágrimas não saíam.

Não queriam perder tempo, e quando terminaram o júri a forca já estava pronta. Fomos para lá e a multidão nos seguiu. Alguns nos atiravam pedras, outros nos cuspiam no rosto, quiseram agarrar-me pelos cabelos, mas carapinha de preto não tem jeito de agarrar.

Houve até discurso, quando já está-vamos no alto do morro. Meu irmão foi primeiro, eu por último. No momento em que o carrasco me passou a corda no pescoço, a Mamãe do Céu me abençoou. Todo pavor que eu sentia, todo cansaço da longa caminhada, toda dor do corpo maltratado, da boca sangrando, do olho rasgado, da fome de três dias sem comer, tudo sumiu.

A Mamãe do Céu me fez entender que naquela hora eu recebia minha carta de alforria. Era para sempre um homem livre.

No alto do morro, dois corpos balançavam pendurados na forca. Uma pequena multidão assiste ao carrasco descer os negros enforcados e cortar-lhes a cabeça. A Vila está em festas, pela inauguração do júri e da forca. Entendiam que escravo era coisa e não podia

ser tratado como pessoa. Assim, se os pretos tiveram a coragem de matar a facadas o próprio dono, deviam morrer como animais, para que nenhum escravo se atrevesse a tanto.

Era o que a Vila entendia por justiça.

No alto de Santa Rita, tudo agora é silêncio. Todos se retiraram e a noite cobriu a forca com seu imenso véu negro. No chão de pedras e capim as grandes manchas de sangue dos pretos ficaram como o único sinal do que se passou.

A Vila adomece. Na senzala, os escravos cochichavam, apavorados, o drama que os obrigaram a presenciar. Alguns choram, outros fazem sinal da cruz.

O vento passa entre as folhas da árvore gigantesca no alto da Santa Rita, produzindo um longo gemido, como se a própria natureza chorasse os erros dos homens.

### Referência Bibliográfica:

MONTANDON, Leonilda Scarpellini. "Vamos Conhecer Araxá". Ed. Foton, 1987, cap. VIII, pp. 29-30.

# PAPEL PASSADO

**A**través de doações feitas recentemente, a Fundação Cultural Calmon Barreto, órgão responsável pela preservação e divulgação da nossa memória, comprova que o araxense está consciente da importância desta atitude.

**V**aliosos documentos colecionados pela Sta. Maria Santos Teixeira, ao longo de sua vida, vieram enriquecer o nosso arquivo. Foram doados pela sua nora Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira e constam de um exemplar da revista "O Cruzeiro", especial sobre Getúlio Vargas, datado de 1974, um da "Revista Salesiana", um sobre a fundação da Conferência da Sociedade de São Vicente de Paulo em Araxá e outras cidades do Triângulo Mineiro e, ainda, fotografias de familiares e amigos.

**O**utra prova disso foram as doações de objetos e documentos que 61 famílias araxenses fizeram e que passaram a incorporar o acervo do Museu Histórico de Araxá — Dona Beja. As famílias João Ribeiro de Souza, Antenor Afonso e Heli França doaram um volume maior de documentos originais. Para que es-

ta documentação seja preservada é necessário tomar uma série de medidas tais como o acondicionamento, a armazenagem e a catalogação. Uma vez concluído este processo, o documento estará apto a ser utilizado pelos pesquisadores. Por este motivo, alguns poucos foram expostos juntamente com os objetos na sala de exposição permanente "Lugar de Memória", no Museu. O restante passou a integrar o acervo do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto.

**C**ecília Beatriz Porfírio Pereira Rosa doou ao nosso arquivo os seguintes documentos: uma participação de casamento datada de 02/11/1890, uma correspondência de 01/09/1884, um programa da festa do Divino Espírito Santo de 31/05/1925, três programações de cinema, uma revista da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, dois convites da Tocata, uma correspondência datada de 19/11/1950, um postal do Colégio São Luiz — Itu, um postal do Colégio Anchieta — Friburgo, uma correspondência datada de 20/03/1914 e anotações particulares.

**C**omplementando a doação feita anteriormente, o Sr. Ahilton Guimarães enviou-nos 2 dossiês intitulados: "Catetinho, Palácio de Tábuas" e "Catetinho: dados históricos". Os dossiês integram o nosso acervo e possibilitam a pesquisa sobre a história do governo JK.

**Q**uatro exemplares da revista "Araxá Magazine" foram doados ao Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações pelo Sr. Fernando Braga de Araújo.

**S**ebastiana Maria de Jesus doou ao nosso arquivo recortes de jornais, documentos pessoais, fotografias e manuscritos que pertenceram a Maria Coelho de Almeida, D. Mariazinha.

**F**oi doado por Maria Augusta Queiroz o livro "Arte Plumária e Máscaras de Dança dos Índios Brasileiros" de autoria de Noemia Mourão.

**L**ygia Cardoso Maneira doou fotografias que pertenceram a Aracy Pedrelina de Lima, repassadas por sua filha Maria Aparecida Oliveira. Agora passam a integrar o acervo do Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações.

# CBMM

Uma empresa cidadã.



A Fundação Djalma Guimarães - FDG foi fundada em 1981, pela CBMM, buscando continuar o trabalho social da CBMM desenvolvendo ações em benefício da cultura, da educação, das artes, do esporte e do desenvolvimento social. Durante este tempo, Araxá recebeu importantes incentivos da CBMM, através da FDG, representadas por obras de edificações, apoios culturais, incentivos educacionais, patrocínios esportivos, quase sempre em parceria com o poder público ou entidades de beneficência. A construção de suas 3 áreas habitacionais possibilitou não apenas benefícios aos seus funcionários, mas também participar da resolução do problema habitacional de Araxá.

Foram 70 milhões de reais de investimentos no desenvolvimento de sua cidade.

